

CERAMISTAS DE COQUEIROS: SABERES, FAZERES E HISTÓRIAS DE VIDA

Julia Marta Correia Mascarenhas¹

Paulo Roberto de Souza²

Francisca Helena Marques³

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo principal o registro e a documentação das técnicas, dos fazeres e da história de vida das ceramistas do distrito de Coqueiros, município de Maragogipe, Bahia. Localizado a 15 km da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano, Coqueiros tem em torno de 3.600 habitantes. Nesse artigo, trataremos essencialmente do barro (origem da vida em muitas culturas) e das mudanças provocadas por ele nas vidas daquelas que o transformam. Estudaremos o barro e a cerâmica não só como o elo, mas também como amálgama entre saberes e culturas. Na região onde foi realizado o estudo, esse elo se faz através da união dos povos nas cerimônias e nas celebrações de vida e de morte.

Palavras-chave: Saberes, Ofícios, Ceramistas, Coqueiros, Cerâmica Tradicional.

¹ JULIA MARTA CORREIA MASCARENHAS é pesquisadora do LEAA/Recôncavo e graduada em Ciências Sociais pela UFRB. Email: juliamarta_mascarenhas@hotmail.com

² PAULO ROBERTO DE SOUZA, pesquisador do LEAA/Recôncavo, graduando em Cultura e Tecnologias pelo CECULT/UFRB e artista ceramista especializado em cerâmica indígena. Email: rakupralua@gmail.com

³ FRANCISCA HELENA MARQUES, orientadora desse projeto, é coordenadora do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo) e professora adjunta do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB). Email: franciscahelena@ufrb.edu.br

Introdução

O Barro

Da junção da água com a terra surge o barro. Elemento moldável, ele é também movimento, e é a partir desse movimento que o barro adquire estrutura. Combinados movimento e estrutura nasce então a criação que aliada à potência do fogo se transforma em cerâmica.

Na tradição africana, é a anciã Nanã, Orixá das Águas e da fertilidade da Terra (do mangue, da lama), a Divindade Suprema da vida e da morte que, segundo uma de suas lendas, fez parte da criação do ser humano. Segundo PRANDI (2001) e VERGER (1997), Nanã entregou a outra divindade, Oxalá, a lama (ou o barro) para que ele moldasse o primeiro homem.

Sabe-se que a cerâmica é muito presente nos cultos africanos e afro-brasileiros. Miticamente há milênios ela alude ao Sagrado, assim como contém em si aspectos dele não apenas por sua origem no barro, mas por sua presença constante em objetos de rituais e assentamentos.

Salientamos, no entanto, que não trataremos das particularidades simbólicas nesse artigo, embora consideremos importante esse aspecto da temática, uma vez que a linguagem da cerâmica no Brasil perpassa as culturas indígenas e africanas, particularmente no Recôncavo baiano. E essa cosmologia abarca não apenas o modo dos fazeres e saberes, como apontaremos nesse texto, como também o modo de consumir, cujos usos conferem significados ao objeto, o que se estende para muito além das suas utilidades práticas na cozinha, por exemplo.

A Pesquisa

Os pesquisadores e a orientadora desse trabalho fazem parte da equipe do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo). Essa pesquisa integrou o projeto Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas

premiado no Edital de Preservação e Acesso aos Bens do Patrimônio Afro-Brasileiro realizado entre 2014 e 2015 e recebeu apoio do Ministério da Cultura, Fundação Joaquim Nabuco e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) através de bolsas de pesquisa e extensão. O projeto contou também com o apoio operacional e institucional da Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas, Núcleo de Memória e Documentação (NUDOC/UFRB), Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB) e Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB). O trabalho consistiu em registrar o dia a dia, as técnicas de manuseio da cerâmica e as histórias de vida das ceramistas de Coqueiros, Distrito de Maragogipe, Bahia.

Metodologia da Pesquisa

Metodologicamente esse projeto foi conduzido através de abordagens qualitativas e descritivas. Consideramos que é através do relacionamento do sujeito com o seu mundo que se desencadeia uma compreensão da lógica da realidade que o permeia (MINAYO (1999); SEVERINO (2007); MARCONI & LAKATOS (2011). Foi, portanto, através de investigação *in loco*, do trabalho de campo e da documentação etnográfica como pesquisa descritiva (entrevistas em áudio, vídeo e fotografias), e levando em conta o contexto da comunidade de Coqueiros, que pudemos nos aproximar dos valores humanos, significados, crenças e saberes das ceramistas que ali vivem.

Em princípio partimos de um levantamento bibliográfico que trouxe subsídios teóricos de conteúdo sobre a cerâmica e sobre a aplicação do método biográfico, assunto que abordaremos posteriormente. Nesse sentido, consideramos o processo de desenvolvimento da pesquisa tão importante quanto os resultados obtidos.

Uma das premissas para desenvolvimento desse trabalho foi a pesquisa-ação. Salientamos que foi feito o retorno imediato dos resultados à comunidade através da devolução de todo material coletado. Esse princípio foi regamente cumprido e toda a comunidade pesquisada teve e tem acesso ao material audiovisual recolhido durante a

pesquisa. Essa documentação se encontra depositada como acervo na sede da Associação de ceramistas local.

A pesquisa-ação é uma metodologia de desenvolvimento coletivo. Nela, a ação comunicativa e a humanidade formam as bases para a interação que se caracteriza pela relação direta entre o pesquisador e o grupo pesquisado. A pesquisa-ação possibilita uma cumplicidade de saberes compartilhados (Thiollent, 1985:14).

No decorrer dessa pesquisa, através de um intenso trabalho de campo e de uma metodologia dialógica, aprofundamos o nível das trocas no sentido de compreender melhor as necessidades das ceramistas para buscarmos maior diálogo diante de suas necessidades e nessa relação de troca propusemos ações.

Uma dessas ações foi o desenvolvimento de um projeto colaborativo para que Dona Cadu e seu sobrinho-neto Rodrigo participassem do Edital Griô Ação Grão de Luz e recebessem bolsas para desenvolvimento de um projeto pedagógico cujo objetivo é a divulgação da cultura da cerâmica e do samba de roda em escolas de ensino fundamental, médio e superior pelo Recôncavo baiano. O projeto foi premiado e atualmente encontra-se em fase de execução (2016).

Entendemos que toda pesquisa deve nos auxiliar a compreender nossa vida social de alguma forma, e é sempre provável encontrarmos surpresas nos questionamentos e nas descobertas que nos propomos através dela. Na nossa experiência, a pesquisa iniciou-se a partir de indagações sobre a cerâmica e as ceramistas e posteriormente através de dados coletados, caminho por onde pudemos ampliar o nosso conhecimento a respeito de processos sociais e culturais, e de algum modo, nos inserindo naquela comunidade também.

Durante essa pesquisa foram realizadas entrevistas orientadas para a aplicação de questionários direcionados às ceramistas. Nesse sentido, concordamos com ALBERTI (1989) que atribui que “a entrevista possibilita a construção e a

reconstituição da história por meio dos relatos individuais ou coletivos com pessoas que presenciaram ou testemunharam acontecimentos ou situações como forma de se aproximar do objeto de estudo”.

Nesse trabalho, os entrevistados tiveram a oportunidade de se expressar espontaneamente relatando suas histórias de vida e experiências com a cerâmica. As entrevistas foram documentadas e organizadas sistematicamente.³

Oralidade

Para THOMPSON (1992:137) a história oral, transforma os objetos de estudos em sujeitos que contribuem para uma história não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. Ele argumenta que lembrar é um processo ativo e recíproco. Através dele, o pesquisador deve remeter o pesquisado a eventos passados mas para isso deve ajudá-lo através de conhecimento de fatos, eventos e reportados através de outras fontes.

A busca da história oral como técnica de investigação foi um instrumento importante para a consecução de nosso trabalho. A pesquisa através de depoimentos como fontes de informação para compreender o passado da produção cerâmica local em paralelo a documentos, imagens e outros registros etnográficos, hoje compõe um acervo riquíssimo.

Segundo MORAES (1998), “a história oral dá atenção especial aos dominados, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.)” e esse foi sem dúvida o nosso interesse.

³ Uma cópia desse acervo encontra-se incorporado ao Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas em Cachoeira, Bahia. Toda equipe do LEAA/Recôncavo colaborou para a documentação realizada em Coqueiros e destacamos e agradecemos imensamente a participação de Anna Luiza Santos Oliveira, Caroline Silveira Moraes, Cauê Rocha Santana Souza e Debora Melo.

Constatamos através das entrevistas realizadas nesse projeto que existem atualmente 30 ceramistas em atividade em Coqueiros. Na divisão da atividade por gênero temos 26 mulheres e 4 homens. Percebemos também que 60% dessas pessoas estão em faixa etária acima dos 50 anos. Dentre essas pessoas existe uma anciã de 96 anos, Ricardina Pereira da Silva, mais conhecida como Dona Cadu, que representa na obra, e fisicamente inclusive, a cerâmica tradicional de Coqueiros. Dona Cadu é uma das mais velhas ceramistas em atividade no Brasil.

Aplicamos nesse período, um questionário básico, com o intuito de mapear as ceramistas de Coqueiros e conhecer um pouco mais sobre seus saberes e fazeres. Dentre os trinta entrevistados espontâneos, vinte e dois, afirmaram ter aprendido o ofício com a mãe. Eles afirmam que os saberes da cerâmica consistem em adquirir e secar o barro; pisar o barro (triturar); peneirar; reidratar; moldar as peças; acompanhar a secagem, aplicar o Tawá (espécie de barro vermelho); brunir (que é polir na pedra e no pano) e então, numa última etapa, finalmente, queimar as peças - ato que se dá coletivamente e a céu aberto (momento em que o barro transforma-se em cerâmica).

Verificamos que duas das ceramistas entrevistadas afirmaram ter ascendência indígena; ou seja, a avó paterna de ambas eram indígenas. Isso nos leva a uma pista importante sobre o desenvolvimento das técnicas da cerâmica de Coqueiros como remanescentes do modo de fazer da cerâmica tradicional indígena.

Em nossa pesquisa descobrimos que a cerâmica é uma atividade econômica secundária, agregada e alternativa à principal fonte de renda da comunidade que é a pesca. Os homens são pescadores embarcados e as mulheres marisqueiras. Essa é a lógica do trabalho local, uma vez que a região faz parte do Recôncavo baiano e é banhada pelo Rio Paraguaçu, e tradicionalmente Coqueiros é um local de pesca abundante.

Durante um período do ano (inverno) as ceramistas se afastam da produção do barro buscando na pesca outra forma de sustento para suas famílias, fato este ditado

principalmente pelas condições climáticas (chuva constante por exemplo). A verdade é que a maioria delas enfrentam uma múltipla jornada de trabalho, entre a pesca, os trabalhos cotidianos da casa e a cerâmica.

A produção artesanal de Coqueiros

As peças que são produzidas pelas ceramistas de Coqueiros têm diversos tamanhos e formas. São panelas grandes com tampas, frigideiras, potes, fogareiros, travessas e saladeiras. Elas também recebem encomendas de alguidares, pratos, copos, cumbucas e outros acessórios para feijoada e pratos tradicionais da culinária baiana.

Durante a pesquisa foi verificado que em média um(a) ceramista produz entre 20 e 25 peças por dia. Como as peças são de tamanho e complexidade variadas há que se considerar esse fato como limitante à produção.

Os valores culturais e a forma de criar revelam um processo de aprendizado longo e árduo, mas que todos se encarregam de cumprir, com muito amor, uma boa dose de paciência e muita destreza. A ação está poeticamente descrita no bailado das mãos de cada artista ao moldar sua peça. As ceramistas de Coqueiros, se empenham todos os dias, o dia inteiro, para dar conta de suas encomendas e se aperfeiçoam mais e mais à medida em que executam cada peça, sempre do tamanho exato, como se tivessem régua e compasso nas pontas dos dedos.

A memória

Segundo FROCHTENGARTEN (2005), a memória revive o passado fazendo com que as imagens de outros tempos se prolonguem no presente. Para o pesquisador, a memória vai além do que está armazenado na lembrança ou algo que guardamos no subconsciente, do contrário, quando não existe reforço da memória, ocorre o esquecimento. Sendo assim, memória e esquecimentos estão atrelados:

“O passado narrado carrega uma opinião: uma lembrança é uma perspectiva sobre o vivido. A arte de narrar envolve a coordenação da alma, da voz, do olhar e das mãos. É como que uma performance em que a palavra, associada à ação, permite ao homem mostrar quem ele é.” (FROCHTENGARTEN, 2005)

A memória traz em si símbolos tão fortes que vão ser lidos pelos sujeitos de outras culturas em outros tempos, sendo ela, o conectivo entre presente e passado, lógica que nos faz refletir sobre a importância da memória para a reprodução de um saber, de uma arte ou de um ofício para as novas gerações.

Memórias e reflexões de campo

“De sol a sol e de domingo a domingo”, as mãos cheias de barro e de pura energia criativa fazem uma coreografia de memória. A memória da lida, ensaiada em décadas de estudos exaustivos e diários. Ensaiam, por assim dizer, uma dança circular, sensual, cheia de carícias com o objeto sendo moldado. Na dança elas amassam, apertam, beliscam, alisam, namoram e quase que se fundem literalmente com o barro. Ceramistas são espécies de seres alquímicos, dão forma e vida à matéria orgânica, matéria prima de todos nós.

No exemplo de Dona Cadu, 96 anos, o dia passa entre agachar, sentar e levantar diversas vezes e repetidamente durante uma cansativa sessão de trabalho. Ela “ensaia” a mesma arte desde os 10 anos de idade. São, portanto, 86 anos de produção ininterrupta, o que lhe vale muitas dores e algumas lesões nas costas e nas pernas por esforço repetitivo. Não só a ela, (que nunca reclama, pelo contrário, agradece a dádiva de poder trabalhar), mas para um grande número de entrevistadas, as lesões são repetidas e dizem, muito doloridas.

Não pudemos estudar ergonomicamente as condições de trabalho das Ceramistas de Coqueiros, uma vez que a posição do fazer faz parte integrante do modo tradicional, mas uma queixa constante e recorrente entre elas são as dores nas costas, por exemplo.

Para Dona Cadu, a felicidade de mexer com a arte do barro traz paz, mansidão, vitalidade: “É uma satisfação, um prazer moldar o barro e depois ver a cerâmica”, diz ela.

Semelhante às dores impostas às bailarinas nos duros exercícios diários, as ceramistas de Coqueiros, quando abrem-se as cortinas de mais um dia, ali mesmo, no palco improvisado das ruas e calçadas do distrito, começam um balé incrível, de vai e vem, das ruas para as calçadas e para as casas, movimento que envolve toda a comunidade. Quando nasce o sol, ilumina-se o cenário de casas simples, quase sempre sem reboco, de onde, aos poucos, começam a sair criaturas, criadores e criações para imediatamente se porem ao sol.

Passando pelas ruas de Coqueiros, quase sempre empoeiradas, impregnamo-nos de um clima de trabalho (o divino trabalho do oleiro), a poeira se junta ao suor como a água a um fino barro seco e peneirado, fazendo uma espécie de alquimia reversa revelando saberes e fazeres possivelmente milenares. São artistas do barro que lutam incansavelmente para manter vivo o ofício de confeccionar manualmente panelas e outros utensílios de diversos tamanhos. Queimados a céu aberto nos moldes tradicionais vemos um espetáculo pirotécnico cujo calor intenso se traduz essencialmente em esperança. É o calor (humano) forjando o barro a se transformar em cerâmica.

A singularidade das ceramistas como artistas tradicionais do Recôncavo, colocam seu trabalho e o mundo em que vivem em evidência e iminente risco, uma vez que essa tradição, também indígena, que enche a todos do povoado de orgulho e alegria, corre o risco de acabar em razão da falta de interesse dos jovens em aprenderem o ofício.

Os livros e pesquisas que relatam o cotidiano das ceramistas enfatizam uma técnica específica que passa de geração a geração e que ainda se mantém viva nos dias de hoje, embora esteja envelhecendo, o que contradiz a realidade atual de poucos interessados:

“A cerâmica em Coqueiros permite a subsistência material das famílias, organiza e regula o cotidiano, confere legitimidade social no interior da comunidade, dá lastro à vida familiar” (PERELMUTTER, 2008).⁴

Observamos que toda essa relação orgânica com o barro transforma as peças em moldagem numa espécie de extensão dos corpos das ceramistas, muitos deles envelhecidos e também (re)modelados pela extenuante tarefa de dar forma, brunar e dar a vida ao barro. Em Coqueiros cada artesã(o) fabrica suas peças individualmente, mas todos compartilham a última etapa da produção na queima.

Assim, como vimos em campo e concluiu PERELMUTTER apud SAMPAIO (2008) a queima das peças é “uma atividade coletiva realizada num grande forno a céu aberto e cujos custos da lenha consumida são repartidos pelos ceramistas”.

“Quer ver alegria? É quando estamos arrumando a louça para queimar. A gente ri, todo mundo junto, todo mundo unido”. (Entrevista de Maria Antônia dos Santos, Tonha, 44 anos, ceramista de Coqueiros)

A noção de coletividade ainda está tão viva em Coqueiros quanto o respeito aos conhecimentos tradicionais praticados à exaustão pelos mais velhos. Talvez essa seja a primeira lição a ser aprendida observando as práticas e saberes da cerâmica na localidade.

Considerações finais

O ofício das ceramistas de Coqueiros tem gênero e é feminino. A líder ceramista, Dona Cadu, segundo a pesquisadora Daisy Perelmutter, “reúne em si os valores e regras do grupo e funciona como catalisadora das demandas da comunidade”.

⁴ Em 2008, depois de visitar Coqueiros com o intuito de entrevistar algumas artesãs e conhecer suas trajetórias, Daisy Perelmutter produziu o livro “Ceramistas de Coqueiros: Histórias de Vida”, lançado pela ONG Artesanato Solidário (Arte Sol) que desenvolveu na localidade um projeto entre os anos de 2004 e 2005.

A Associação dos Produtores de Cerâmica de Coqueiros foi formalizada em 2005 e tem como membros, em sua maioria, como dito anteriormente, pessoas com mais de 50 anos. De fato, a importância dos anciãos na localidade pode ser medida não só pela idade como pelos anos de dedicação ao ofício. As famílias geralmente são grandes, às vezes seis, sete, até oito filhos, todos, criados a partir da pesca e do barro, conforme sublinhado anteriormente nas principais atividades geradoras de sustento na comunidade de Coqueiros.

Observamos que as técnicas utilizadas em Coqueiros são muito semelhantes às técnicas ancestrais indígenas brasileiras, e são atividades essencialmente femininas, à exceção dos grupos Ianomâmi, Waharibo e os Yekua. Entre alguns outros grupos a produção é realizada com a participação masculina em algumas poucas etapas. Segundo LIMA (1987:174) “nos povos Waurá os homens participam da coleta e do transporte da argila, sendo que esse é um aspecto recente devido ao aumento da demanda de produção”. O mesmo ocorre em Coqueiros.

De maneira resumida, o processo de manufatura da cerâmica entre os povos indígenas obedece, em linhas gerais, a uma mesma sequência operacional, com pequenas variações de caráter local que são, na maior parte das vezes, de caráter simbólico.

A técnica utilizada pela maioria dos grupos indígenas é a do acordelado, que é a superposição de rolos de argila a partir de uma base, em forma de anéis ou espirais. Uma exceção é o grupo Tapirapé que modela suas peças diretamente de uma massa de barro, exatamente como a praticada na comunidade de Coqueiros. Já a queima das peças, representa o elo claro entre povos e culturas tradicionais pois são feitas de maneira idêntica, desde a montagem das pilhas de peças à lenha.

A atividade das ceramistas em Coqueiros é um patrimônio imaterial que guarda todo um repertório de conhecimentos, saberes e práticas acumuladas que representam

uma parte importante da cultura e identidade da comunidade. Esse conhecimento é passado através da oralidade de geração à geração.

As etapas do fazer consistem na coleta do barro e posteriormente em “pisar esse barro”. Atualmente em Coqueiros as ceramistas contam com o “benefício” do asfalto e dos veículos que transitam pelo povoado que contribuem para o trabalho de “pisar o barro” para elas. Depois desenvolvem a tarefa de recolher o barro e então peneirá-lo duas ou três vezes para então reidratá-lo. Esse processo é decisivo para a qualidade do barro a ser empregado na modelagem. Daí para a frente a confecção supõe ações que requerem destreza e força física. Sentadas no chão, em uma incômoda posição, começam a modelagem por um pedaço único de barro, agregando e retirando matéria de acordo com a peça a ser produzida.

São vários modelos e tamanhos de peças produzidas, com maior e menor grau de dificuldade. Depois disso essas peças vão secar parcialmente para a colocação dos fundos, um momento delicado e de muita precisão; após isso vem a secagem e o “brunimento” que é o nome dado ao serviço de polir a peça, interna e externamente, usando uma pedra de fundo de rio (pedregulho) e um pano seco para dar brilho.

Nesse processo é passado um barro vermelho denominado “Tawa”⁵. Depois do polimento e secagem ao sol finalmente a peça está pronta, porém frágil, para a etapa seguinte que é a queima.

Em Coqueiros cada fase dessa tarefa tem um tempero de magia e obedece a um ritual. Quando senta para confeccionar sua cota diária de cerâmica, a artesã já administrou os filhos, marido e a casa numa rotina que tem início às 4h da manhã e que inclui também a mariscagem.

⁵ “Tawa” é uma palavra de origem tupi que significa "barro vermelho".

A comunidade de Coqueiros detém uma enorme riqueza cultural, contrastante com as condições sócio econômicas em que vive. A atividade ceramista empresta uma dignidade ímpar aos seus praticantes e exhibe um espetáculo lúdico diário, observado das ruas, na forma de um balé fantástico através de mãos que dançam muitas danças com o barro desde a manhã até o anoitecer.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

CAVALCANTI, Claudia. **Artesanato, Produção e Mercado: uma via de mão dupla**. Central Artesol - São Paulo, 2002.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, UNESCO (2003). Artigo indexado disponível em <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4718> (pesquisa realizada em 12/09/2014).

FERNANDES, Ulisses. **Fulkaxó: Ser e viver Kariri-Xocó**, São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. **História Oral**. Fundação Getúlio Vargas, 2ª edição, 1998.

FROCHTENGARTEN, Fernando. “A memória oral no mundo contemporâneo”. *Estud. av.*[online]. 2005, vol.19, n.55 [cited 2016-06-20], pp.367-376. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300027&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000300027>.

GALLOIS, Dominique T. “Iepé - Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará”, São Paulo: Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena), 2006.

LIMA, Tânia Andrade. “Cerâmica Indígena Brasileira”. In: **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South America Indians. Darcy Ribeiro (Editor). Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

LOPES, IMMACULADA. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. 1a ed. SENAC-São Paulo: Museu da Pessoa, 2008.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6a edição. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTÍNEZ, M. **Epistemología y metodología cualitativa en las ciencias sociales**. Editorial Trillas S. A., 1999.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6.ed. São Paulo: Hucitec.

PERELMUTTER, Daisy. “Ceramistas de Coqueiros: histórias de vida”. Artigo indexado disponível em <http://www.artesol.org.br/site/wp-content/uploads/Ceramistas-Hist%C3%B3rias-de-Vida.pdf> (pesquisa realizada em 10/09/2014)

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

THOMPSON, Paul. **História oral: A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, 1992.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos orixás**. 4. edição, Corrupio, 1997.